

ECOPARQUE: EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO

José Rodrigues do Nascimento¹

Alessandra Gomes Brandão²

Ruy Rodrigues Câmara Neto³

Maria Eduarda Brandão Câmara⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta a experiência de um projeto de extensão realizado pelo campus de Araruna, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que teve como objetivo desenvolver um plano de atividades de Educação Ambiental em uma Unidade de Conservação, denominada Parque Estadual Pedra da Boca (PEPB), localizado no mesmo município. O referido projeto, que ora apresentamos, foi realizado com recursos do Ministério da Educação, por meio de uma metodologia que estamos chamando de reflexão-ação-reflexão-ação, uma vez que a mesma intercala ambas as atividades com intuito de despertar o interesse pelo tema e a conseqüentemente a vontade de pertencer e cuidar da natureza.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Pedra da Boca; Ecoparque

INTRODUÇÃO

O Parque Estadual Pedra da Boca (PEPB), localizado na cidade de Araruna, na Paraíba, é uma área privilegiada, de grande beleza cênica, criada como Parque Estadual especificamente para proteger um conjunto singular de formações rochosas. Criado em 07 de fevereiro de 2000, por meio do Decreto Estadual 20.899, o parque conta com uma delimitação de 157,3 hectares de extensão territorial.

As rochas do parque formam uma exuberante natureza, de composição granítica porfírica, com configurações heológico-morfológicas diferenciadas abrigando espécies da flora e fauna endêmicas do bioma caatinga (GUALBERTO, 2013). O parque está especificamente inserido nos contrafortes da Serra da Confusão, conhecido por este nome pela

¹ Graduando do Curso de Física da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. jose.rodrigues.geo@gmail.com

² Doutora, docente da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. alessandra.gomes.brandão@gmail.com

³ Mestre pelo Curso Música da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. ruy_camara@hotmail.com

⁴ Mestranda em Ciências Políticas e Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. eduardabcamara@gmail.com

existência de várias serras rochosas que escondem grutas e cavernas. Além dessas características naturais, o PEPB conta com a presença de inscrições rupestres, que dão ao parque um alto valor histórico, justificando ainda mais o enquadramento do mesmo como área protegida, na modalidade de Parque Estadual.

Por estas especificidades naturais e históricas, o parque tem sido cenário de visitação turística internacional, interestadual e intermunicipal, distribuídas em diversas modalidades. A beleza cênica favorece as condições para o chamado turismo de aventura, já que suas cavernas e pedras gigantes ultrapassam os 320m de altura, permitindo a realização de trilhas, escaladas, rapel, além de um cenário apropriado para prática de meditação, entre outros exercícios ao ar livre.

Além do turismo de aventura e de contemplação, outra modalidade bastante expressiva no parque é o turismo religioso. Devido à crença popular de uma possível aparição da imagem de uma santa (Virgem de Fátima) em uma de suas formações rochosas (Pedra do Letreiro), é fomentado um intenso turismo religioso. Essa atividade, em particular, em uma única visitação, chega a contar com a presença de 20.000 pessoas no parque.

Com isso, há sérios impactos negativos na UC. A atual situação do PEPB ainda é de pouca ação governamental, havendo apenas uma pequena equipe (02 membros), que fica responsável pela limpeza e vigilância em sua expressiva área, o que significa que os visitantes não recebem nenhum tipo de orientação, nem controle dentro do parque.

Diversos estudos acadêmicos, entre eles Cavalcante (2008) e Gualberto (2013), se ocuparam em descrever a riqueza biológica do referido parque, ao mesmo tempo que tem demonstrado os impactos negativos das atividades realizadas, alertando para necessidade de implantar ações que visem a preservação a longo prazo do Parque Estadual Pedra da Boca. Balbino (2008), por exemplo, chama atenção do potencial turístico para gerar renda para a sociedade no entorno do parque, ao mesmo tempo que, aponta a notável falta de integração da comunidade com essa potencialidade.

Especificamente sobre o turismo religioso, Gualberto (2013) alerta sobre as fuligens das velas que tem apagado as pinturas rupestres da Pedra do Letreiro. Ressalta, portanto, ainda, a ausência de ações e material de educação ambiental voltados para uma melhor conscientização dos visitantes para a proteção do parque.

METODOLOGIA

Neste trabalho, adotamos perspectivas teóricas da Educação Ambiental Crítica, uma vez que ela parece oferecer mais subsídios para as transformações que se quer implantar. Lima (2002) e Loureiro (2004) caracteriza a EA-Crítica como possuidora de atitude reflexiva diante dos desafios que a crise civilizatória nos coloca, partindo do princípio de que o modo como vivemos não atende aos anseios de todos e que é preciso criar novos caminhos.

Dentro da perspectiva crítica, nos aliamos às reflexões de Witt et al (2013), de que a conscientização não é um processo linear, mas contínuo, com constantes repensares e refazer, que vai se construindo permanentemente pela problematização da realidade e da ação coletiva. Por isso mesmo, a Educação Ambiental deve ter o papel de auxiliar nesse constante desvelar.

Para alcançar o objetivo de trabalhar a Educação Ambiental no Parque Estadual Pedra da Boca, em Araruna, na Paraíba, adaptamos a perspectiva teórico-metodológica sugerida pela Witt et al (2013), que propõe que as atividades tradicionais realizadas em unidades de conservação sejam não a finalidade, mas o ponto de partida para esse desvelar da realidade.

Diante disso, foi proposto no âmbito do projeto a seguinte dinâmica nas atividades de Educação Ambiental: (1) Discussão. Momento em que apresentamos um histórico sobre o parque, deixando vir à tona informações ainda desconhecidas sobre o mesmo; (2) Experimentação: que se trata da vivência em si dentro do parque. É o momento em que se desenvolvem trilhas, atividades que trabalhem com as subjetividades dos sujeitos, que promovam interações entre os sujeitos e destes com o ambiente; (3) Reflexão: o momento em que se reflete sobre a experiência vivida, compartilha-se impressões, dúvidas, certezas. A partir do que foi vivenciado, discute-se sobre as questões ambientais mais amplas relativas ao local e ao global, suas causas e consequências. (4). Ação: momento em que a proposta é colocada em prática pelos agentes envolvidos no seu dia-a-dia.

ECOPARQUE: NOSSA EXPERIÊNCIA

Etapa 1

A primeira etapa do projeto se deu com a seleção de 10 bolsistas, por meio de edital público, envolvendo diversos campus da universidade, uma vez que se buscava estudantes de diversos perfis, sendo enquadrado os cursos de Comunicação Social, Geografia, Física e Engenharia Civil. Após esta seleção e vencidos os trâmites burocráticos para implantação de bolsas, reunimos os alunos para conhecer a proposta do Projeto Ecoparque, com a realização

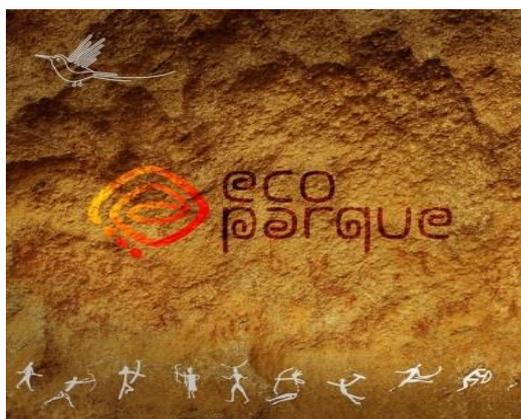
de um seminário, dentro de uma imersão de dois dias no Parque Pedra da Boca, incluindo pernoite.

Por tratar-se de um projeto de extensão que também tem o objetivo de desenvolver a capacidade crítica dos estudantes, a ideia é que os mesmos façam parte da construção do que será aplicado. Sendo assim, a referida imersão teve o objetivo de inserir os estudantes no cotidiano do parque, seja da realidade vivenciada pelos moradores locais, seja dos aspectos geológicos e biológicos, que envolve todo o ecossistema. A partir dessa vivência, foi realizada uma roda de conversa, visando capturar sugestões sobre que pudessem vir ajudar a “desenhar” nosso futuro Plano de Educação Ambiental.

Um dos pontos altos desse primeiro contato ocorreu durante a escolha do nome que vai denominar as ações de educação ambiental, contabilizando ao todo, 20 edições e cerca de mil estudantes da rede pública de ensino. Essa atividade “nasceu” com o nome “Domingo no Parque”, mas devido a diversas análises, tanto do uso dessa marca em um programa social, assim como a necessidade de também realizar no sábado, depois de muitas sugestões e debates, chegamos ao nome de Ecoparque – tanto por agregar o pré-fixo “eco” já bem assimilado nessa temática, mas por também trazer a ideia do “parque”.

A partir dessa decisão, separamos em grupos de trabalho. O pessoal da comunicação foi trabalhar na elaboração da identidade visual e outros estudantes se dedicaram ao levantamento bibliográfico para estudo das diretrizes que iam guiar as ações.

Figura 1: Identidade Visual



Fonte: autores

Etapa 2 – Revisão Bibliográfica

Nesta fase, foi necessário um levantamento bibliográfico de algumas linhas que têm abordado a Educação Ambiental. Um dos aportes que foram estudados foi o Método de Aprendizagem Sequencial – MAS, do professor e ambientalista Joseph Cornell. “A metodologia e as atividades propostas pelo professor Cornell baseiam-se na consideração de que há um grande espaço a ser percorrido no caminho da busca da compreensão e da interação com a natureza” (Mendonça, 2000). O MAS consiste entender que “as atividades, jogos e brincadeiras são mais eficazes quando utilizados dentro de uma determinada sequência, independentemente da idade dos participantes, do seu estado de espírito e do local em que estas atividades são realizadas” (Mendonça, 2000).

Unindo essas ideias, com as reflexões da Educação Ambiental Crítica, que entende as atividades práticas como porta de entrada para a discussão socioambiental, nosso procedimento de trabalho adotado para guiar as ações que foram realizadas nos dias dos eventos, previu a seguinte dinâmica nas atividades de Educação Ambiental: Reflexão-Ação-Reflexão-Ação.

Figura 2: Equipe discutindo as ações para a UC



Fonte: autores

Figura 3: Equipe discutindo estratégias para as ações no PEPB



Fonte: autores

Etapa 3 – Grupos de Trabalho

A terceira etapa consistiu na reunião de todos os participantes para discussão das ideias já pensadas, mas também de planejamento mais detalhado das atividades de educação ambiental. Após a vivência dentro do PEPB, conhecendo os aspectos socioambientais, as histórias contadas por seus nativos ou antigos moradores, as diversas possibilidades de trilhas, iniciamos a elaboração de possíveis atividades ambientais como jogos, gincanas, interpretações nas trilhas com impactos distintos para cada faixa-etária, até escaladas e rapel e balanço (um balanço posicionado dentro da “boca” da Pedra da Boca, posicionado a 320 acima do nível do mar).

Figura 4: Apresentação das estratégias para as ações



Fonte: autores

Figura 5: Apresentação das estratégias para as ações



Fonte: autores

Etapa 4 – Análise do Perfil

Na quarta etapa, tivemos o objetivo de delinear ainda melhor nossa proposta de ação, sendo necessário conhecer os perfis de todos os públicos visitantes do Parque Pedra Boca. Tendo em vista a proximidade com a romaria de N.Sra. Fátima, iniciamos por conhecer o público do turismo, especialmente o religioso. Importante frisar que o parque não possui estrutura suficiente para suportar a demanda de fiéis e turistas que vão visitá-lo neste dia. O trânsito na proximidade fica caótico. A coleta de lixo é insuficiente. E a tradição dos fiéis católicos de acenderem suas velas em ato de agradecimento, no local de aparição da Virgem, está acelerando o processo de desaparecimento das figuras rupestres na Pedra do Letreiro, que possui em sua base um acervo de figuras rupestres deixado pelos nativos que habitaram a região. Abaixo, apresentamos uma imagem das pinturas recuperadas em programa especializado.

Aplicamos um questionário com perguntas visando entender o perfil. O público é formado por homens, mulheres e crianças de todas as idades. Em geral, as mulheres frequentam a mais tempo. As pessoas reconhecem que a atividade deixa muito lixo, mas não sabem qual seu papel nos cuidados. A maioria sabe da existência das pinturas, mas não reconhece a importância de preservá-las.

As entrevistas foram importantes para conhecer e definir futuras abordagens com esse público. Em geral, as abordagens são apenas impositivas com proibições e conhecer o perfil demonstra a necessidade de novas abordagens, com mais reflexão.

Figura 6: Concentração da romaria de N. Sra. de Fátima



Fonte: autores

Figura 7: Figuras rupestres recuperadas por programa de computador especializado



Fonte: autores

Etapa 5 – Definição do Público

Um dos principias atrativos do parque é sua propensão para a pratica de esportes radicais. Turistas de diversas partes do mundo são atraídos ao parque por suas cavernas e pedras gigantes que permitem a realização de trilhas, escaladas e rapel. Portanto, as trilhas interpretativas serão a atividade de maior destaque nas ações do Ecoparque.

Não à toa, a nossa equipe precisou retornar algumas vezes ao PEPB para definir quais trajetos, com o auxílio de guias locais, que serão usados dentre as dezenas de trilhas que o parque oferece, levando em consideração as características dos grupos pré-selecionados para o Ecoparque. Ao todo foram selecionadas 4 trilhas para fins educacionais: Trilha do Forno, Trilha das Cavernas, Trilha do Balanço/Pedra da Boca e Trilha da Pedra do Letreiro.

Em relação ao público selecionado para participarem das ações de educação ambiental no PEPB, dividimos em grupos de acordo com a faixa etária e nível de ensino. A expectativa é que recebamos 1000 alunos oriundos das escolas do campo e da cidade pertencentes a rede estadual e municipal. Alunos do 9º ano, último ano do Ensino Fundamental, fazem parte do grupo 1 – G1; já os alunos do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio compõem o grupo 2 – G2. Além de outros públicos, como os idosos e crianças do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, do CRAS - Centro de Referência de Assistência Social, ligado à Secretaria Especial do Desenvolvimento Social/ Ministério da Cidadania, público classificados no grupo 3 – G3. E alunos universitários do Centro de Ciências, Tecnologia e Saúde – CCTS da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, localizado na cidade de Araruna – PB, que compõem o grupo 4 – G4.

Etapa 6 – A ação

Nas edições do Ecoparque, esses públicos conheceram a unidade de conservação e participaram das atividades divididas em quatro partes: (1) Roda de Conversa; (2) Aventura; (3) Roda de Conversa; (4) Mudanças na Relação com a Natureza.

Os principais momentos de reflexão aconteceram nas rodas de conversas temáticas que acontecem na tenda, estrutura montada próximo a unidade de conservação para ser base de todas ações do Ecoparque. Questões ambientais que aflige o PEPB, a comunidade ao redor, a cidade de Araruna e questões globais foram temas das conversas.

Figura 8: Roda de conversa com alunos do Ensino Fundamental



Fonte: autores

Figura 9: Roda de conversa com alunos da UEPB



Fonte: autores

O G1 faz Trilha do Forno. Percurso de 1 km que passa por pontos de destaque do parque, como o Jardim do Parque, Pedra da Caveira, Sítio de Mangueiras e Pedra do Forno. Durante o trajeto, em pontos específicos, esses alunos fizeram atividades de interpretação e discussões acerca do parque e problemáticas ambientais.

A cada ponto destacado acima, o G1 pode descobrir um pouco da unidade de conservação. Começando pelo Jardim do Parque, local onde encontramos uma amostra diversificada da vegetação que o encobre, a Caatinga. Mais à frente, temos a Pedra da Caveira: uma das formações rochosas mais famosa do parque, onde foram tratadas as questões de formação geológicas que o fazem único. Alguns metros depois, se depara com o Sítio de Mangueiras, que atualmente está passando por deterioração. Finalmente, chegamos a Pedra do Forno, nosso ponto final.

Para o público G2 e G3, selecionamos a Trilha das Cavernas e a Trilha do Letreiro, respectivamente. Os percursos são os mesmos da trilha anterior, no entanto, os seus pontos

finais se dão em outras partes do parque. A Trilha das Cavernas tem sua conclusão em uma área do onde encontramos diversas cavernas a serem exploradas; a Trilha do Letreiro tem sua conclusão na Pedra do Letreiro/Pedra da Santa. O G4 foram a Trilha do Balanço/Pedra da Boca. É a trilha mais curta e difícil do parque, que tem como trajeto subir uma altitude de 320 metros, com pontos íngremes, necessitando da ajuda de monitores de trilhas e equipamentos de escaladas, até o topo da Pedra da Boca, onde fizeram a atividade radical: o balanço.

Figura 10: Trilha da Pedra do Forno/Cavernas



Fonte: autores

Figura 11: Trilha da Pedra da Boca



Fonte: autores

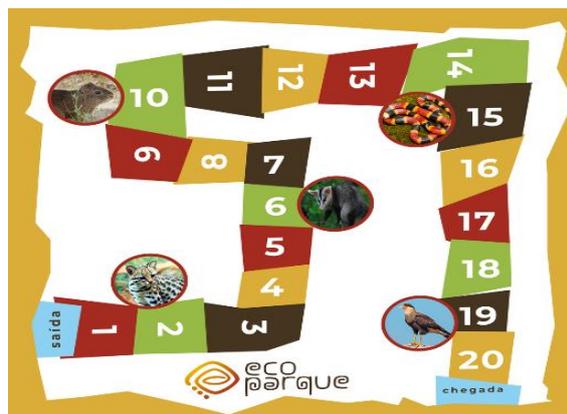
Dois jogos de tabuleiros foram utilizados como material de apoio nas ações do Ecoparque na busca de passarmos as discussões das problemáticas ambientais atuais de forma lúdica, prazerosa e divertida. Os jogos de tabuleiros “Ecotrilha” e “Trilha Ecoparque” são direcionados ao público do último ano do Ensino Fundamental, que estão na faixa entre 12 e 14 anos. Tratam-se de jogos constituídos de um tabuleiro, um bloco de 24 perguntas/problemas ambientais e um dado. Os jogos didáticos abordam conceitos de meio ambiente e preservação, focando no contexto do PEPB.

Figura 12: Jogo Ecotrilha



Fonte: autores

Figura 13: Jogo Trilha Ecoparque



Fonte: autores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão Ecoparque estabelece para o PEPB um ensejo de promover transformações no âmbito da percepção ambiental voltado mais para um senso crítico da comunidade local, estudantes da rede pública e turistas de um parque que até o momento está abandonado pelo poder público e sendo explorado economicamente sem planejamento. Participar deste projeto tornou-se uma oportunidade de criar ações de Educação Ambiental, no intuito de conscientizar os visitantes e moradores sobre a importância de manter a unidade de conservação protegida. No entanto, sem deixar de trazer para o centro das discussões todos os aspectos socioambientais que são vivenciados pelo parque, como degradação de figuras rupestres pelo turismo religioso, o parque como fonte de renda para a população carente que vive nas proximidades e as consequências que alguns moradores locais sofreram no processo de implantação da unidade, a saber: desapropriação de casas. Sem deixar de mencionar a experiência que milhares de alunos estão vivendo ao conhecer cada aspecto do PEPB.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, Márcio Balbino. **Parque Estadual da Pedra da Boca/PB: Um olhar sobre o planejamento do ecoturismo em unidades de Conservação na Paraíba.** Caderno Virtual de Turismo, V. 8, N. 2, P. 70-80, Rio de Janeiro, 2008.
- GUALBERTO, Karla. **Turismo religioso versus Meio Ambiente: uma conexão possível no Parque Estadual Pedra da Boca.** Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Naturais. 50p. Universidade Federal da Paraíba. Defendido em 14 novembro de 2013.
- LIMA, Gustavo Ferreira. **Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis.** Educação & Sociedade, ano XXI, n. 94, Campinas, dez. 2008.

LOUREIRO, Carlos F. **Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MENDOÇA, Rita. **A experiência na natureza segundo Joseph Cornell**. São Paulo, 2000.

WITT, Rovena et al. **Vivências em Educação Ambiental em unidades de conservação: caminhantes na trilha da mudança**. Revista PPGA/FURGRS, V.30, N.1.P.83-101, jun/jul/2013.